

**Entre desafios e resistências: a atuação de mulheres líderes em associações rurais no
Agreste Central sergipano**
*Between challenges and resistance: the role of women leaders in rural associations in the
central Agreste region of Sergipe.*

Maria Eduarda Lisboa Santos

Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, Sergipe (SE), Brasil

Ana Paula Schervinski Villwock

Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, Sergipe (SE), Brasil

GT 05 - Agricultura familiar, ruralidades e relações de gênero no meio rural

Resumo: Este artigo analisa os desafios enfrentados e as estratégias de resistência das mulheres em posição de liderança em associações rurais no Agreste Central do estado de Sergipe. Metodologicamente, trata-se de um estudo qualitativo dividido em etapas: caracterização da área de estudo, pesquisa bibliográfica e documental, levantamento de dados por meio de entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo. Os resultados revelam que o machismo no âmbito associativo é uma questão transversal, manifestando-se na sobrecarga da dupla jornada e no peso do cuidado doméstico, muitas vezes agravados pelo controle conjugal que dificulta a participação política. Identificou-se, ainda, a ausência de autorreconhecimento como uma barreira subjetiva, levando algumas líderes a adotarem comportamentos masculinizados para legitimar sua autoridade. Em contrapartida, a pesquisa evidencia que as líderes desenvolvem estratégias ativas de subversão das barreiras enfrentadas. Destacam-se, nesse processo, a construção da autoconfiança e a promoção de rodas de conversa, que se configuram como importantes ferramentas de empatia e de fortalecimento dos vínculos coletivos. Ademais, o uso estratégico de tecnologias de comunicação, como reuniões remotas e aplicativos de mensagens, apresenta-se como um elemento facilitador da gestão. Além disso, a integração da maternidade à dinâmica associativa e a adoção de práticas sustentáveis consolidam a associação como um espaço de inovação e acolhimento. Conclui-se que, apesar de muitos desafios relacionados ao machismo, divisão sexual do trabalho e o patriarcado, as líderes rurais articulam táticas potentes, transformando o espaço associativo em um local de acolhimento e resistência.

Palavras-chave: liderança feminina; gênero; associativismo rural; dupla jornada.

Abstract: This article analyzes the challenges faced and the resistance strategies of women in leadership positions in rural associations in the Central Agreste region of the state of Sergipe. Methodologically, it is a qualitative study divided into stages: characterization of the study area, bibliographic and documentary research, data collection through semi-structured interviews, and content analysis. The results reveal that sexism within the association is a cross-cutting issue, manifesting itself in the overload of the double shift and the burden of domestic care, often aggravated by spousal control that hinders political participation. The absence of self-recognition was also identified as a subjective barrier, leading some leaders to adopt masculinized behaviors to legitimize their authority. In contrast, the research shows that the leaders develop active strategies to subvert the barriers they face. In this process, the building of self-confidence and the promotion of discussion groups stand out as important tools for empathy and strengthening collective bonds. Furthermore, the strategic use of communication technologies, such as remote meetings and messaging applications, presents itself as a facilitating element in management. In addition, the integration of motherhood into the associative dynamics and the adoption of sustainable practices consolidate the association as a space for innovation and support. It is concluded that, despite many challenges related to sexism, the sexual division of labor, and patriarchy, rural leaders articulate powerful tactics, transforming the associative space into a place of support and resistance.

Keywords: female leadership; gender; rural associations; double shift.

1. Introdução

As questões de gênero têm ganhado destaque no meio rural, especialmente no que diz respeito à promoção da igualdade e à busca por maior representatividade em diferentes espaços sociais. Por isso, inicialmente, é importante conceituar o entendimento de gênero que se dará nesse estudo a partir da definição de Scott (1995, p. 86), que afirma que “gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Nesse sentido, Foucault (1978) relata o poder como uma rede complexa de relações sociais, não sendo exercido apenas de cima para baixo, mas sendo constantemente articulado em todas as esferas da vida social. Dessa forma, percebe-se que as noções de masculinidade e feminilidade não estão ligadas ao sexo; e, não são apenas construções sociais, mas também mecanismos de poder que influenciam a forma como indivíduos se relacionam e se posicionam dentro das estruturas sociais.

No contexto rural, essa temática adquire contornos particulares, uma vez que o meio rural é historicamente marcado por relações de poder desiguais, e por uma divisão sexual do trabalho que frequentemente invisibiliza a atuação das mulheres (Alves, 2013). As mulheres rurais, da agricultura familiar, enfrentam obstáculos em relação a “ser mulher”, ligado a fatores como a divisão sexual do trabalho (Saffioti, 2015), dupla jornada de trabalho (Alves, 2016; Balbo, 2019), invisibilidade da mulher no rural (Siliprandi, 2009; Grossi et al., 2015), impacto da maternidade (Yannoulas, 2002), sexualização da mulher (Daniel, 2011), masculinização da profissão (Carneiro; Villwock; Matte, 2022).

Mesmo em organizações como as associações, que apresentam características próximas à valorização feminina, ainda persistem resistências quanto à igualdade no tratamento entre homens e mulheres. Observa-se que as mulheres encontram menos barreiras para ocupar espaços de decisão em organizações de convivência, em comparação às organizações burocráticas. Uma pesquisa realizada por Maia e Siqueira (2011) com mulheres da associação de Mulheres Pescadoras e Artesãs Município de Grossos - RN revelou que, embora os companheiros apoiem o trabalho em grupo devido à perspectiva de aumento na renda, eles não concordam com a participação das mulheres nas reuniões. Esse comportamento reflete o espaço rural historicamente marcado pelo machismo, que ainda relega a mulher a segundo plano (Santana; Silva; Pessoa, 2020)

Em pesquisa realizada por Santana, Silva e Pessoa (2020) ao analisar a atuação das dirigentes de associações rurais foi possível perceber que o número de mulheres em posição de liderança nas associações rurais tem crescido, apesar de ainda ser minoria. Porém, é importante destacar que o cargo de presidente de associação rural trata-se de um cargo eletivo não

remunerado, que demanda tempo, compromisso e confronto político. Sendo assim, atualmente não existe muita concorrência para a ocupação desses cargos. Refletir sobre esse cenário é fundamental para entender as dinâmicas de gênero no meio rural e os desafios enfrentados pelas mulheres em posições de liderança.

Estudar as lideranças femininas em associações permite identificar não apenas os desafios específicos enfrentados em ambientes historicamente dominados por estruturas masculinas, mas também as potencialidades de mobilização e inovação que essas lideranças promovem, pois as associações constituem uma das formas organizativas mais comuns no meio rural brasileiro, sendo entidades sem fins lucrativos, de estrutura flexível, que possibilitam a realização de diversas atividades, desde iniciativas comunitárias e culturais até a representação política e a dinamização de atividades econômicas (Christoffoli, 2019). Assim, analisar essas organizações revela importantes espaços de resistência e transformação, nos quais as mulheres podem assumir papéis decisivos na condução de processos de mudança social.

Ademais, necessita-se entender quais são as estratégias utilizadas pelas mulheres rurais na construção social frente as estruturas sociais em que estão inseridas. Nesse contexto, adotou-se para esse estudo a noção de estratégia de Pierre Bourdieu (2020), que se refere às ações dos agentes que, embora influenciadas por restrições estruturais, não são meramente mecanicistas. Essa noção destaca que as possibilidades de ação dependem do capital disponível e da posição do agente na estrutura social. Diferente da visão tradicional, que associa estratégia a intenções individuais e conscientes de longo prazo, Bourdieu a entende como um conjunto de práticas orientadas por objetivos, nem sempre deliberados, e muitas vezes compartilhadas por membros de um coletivo. Assim, a estratégia não se limita a um planejamento consciente, mas reflete o senso prático dos sujeitos em responder às adversidades e reproduzir suas práticas dentro de um contexto social específico.

Ao compreender as estratégias adotadas pelas mulheres na construção social, torna-se possível identificar os desafios enfrentados em suas trajetórias de vida. Esse debate ganha ainda mais relevância ao analisarmos a inserção feminina em posições de liderança, um tema que vem recebendo crescente atenção em diversas áreas, como a gestão empresarial (Metz, 2015), as ciências médicas e da saúde (Aquino *et al.*, 2021), a atuação no campo (Campos; Ferreira, 2021), a economia solidária (Neto *et al.*, 2024), o cooperativismo (Cabral; Lopes; Londero, 2024) entre outros.

Assim, este artigo é fruto de uma dissertação de mestrado que buscou conhecer as narrativas de mulheres em posições de liderança no campo, propondo uma reflexão sobre suas

trajetórias e as relações de gênero que perpassam suas histórias de vida. O estudo tem como objetivo analisar os desafios enfrentados e as estratégias de resistência das mulheres em posição de liderança em associações rurais no Agreste Central do estado de Sergipe. A escolha do Agreste Central como área de estudo justifica-se pela identificação prévia de um perfil engajado de lideranças femininas em associações dessa região, o que constituiu um campo fértil para a análise dos desafios e estratégias que permeiam o exercício de suas funções.

2. Metodologia

A presente investigação caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa e descritiva, pautado na compreensão das subjetividades e das relações de poder que atravessam o papel da liderança feminina rural. O percurso metodológico estruturou-se em quatro etapas complementares (Figura 1).

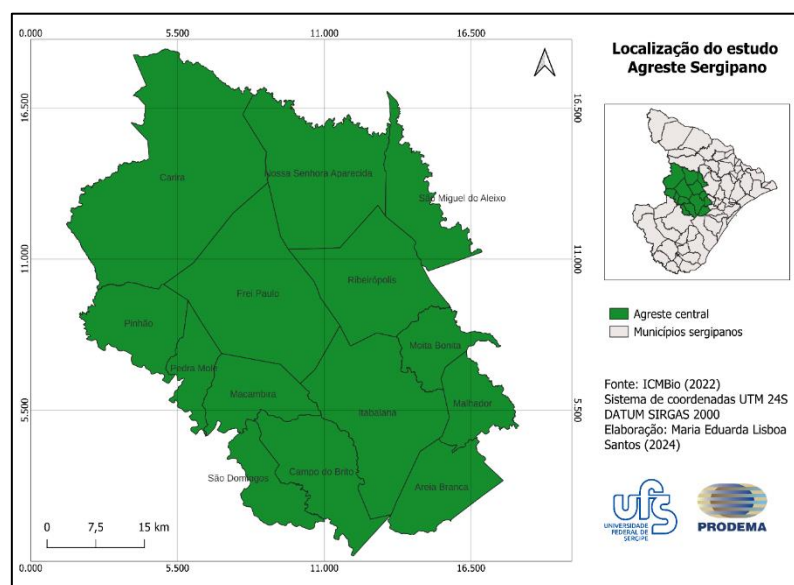
Figura 1. Etapas metodológicas da pesquisa.



Fonte: Elaboração própria (2026).

A fundamentação teórica baseou-se em levantamento bibliográfico sistemático em bases de relevância acadêmica (CAPES, SciELO e *Web of Science*), compreendendo artigos, livros, teses e dissertações. Bem como, procedeu-se à pesquisa documental para a caracterização da área de estudo: o Agreste Central Sergipano (Figura 2), região marcada pela densidade da agricultura familiar e do associativismo rural.

Figura 2. Área de estudo – Agreste Central Sergipano.



Fonte: Elaboração própria (2024).

Para contextualizar o território, utilizaram-se dados secundários do IBGE e da CONAB. No entanto, a tentativa de mapear as associações revelou uma lacuna institucional significativa. O contato formal com órgãos como a PRONESE¹, o MDA² e secretarias municipais do Agreste sergipano não resultou no acesso a registros atualizados. Diante disso, adotou-se uma estratégia adaptativa: a técnica de rede de contatos a partir do grupo “Mulheres Sergipanas do Agro”³. Por meio de comunicações diretas via *WhatsApp*, integrantes atuaram como informantes-chave, indicando e validando nomes de lideranças locais.

As participantes da pesquisa são mulheres que ocupam posições de liderança (formal ou informal) em associações da agricultura familiar no Agreste Central. Destaca-se que, no contexto rural, a liderança frequentemente não se configura como um cargo formal, mas se manifesta por meio do reconhecimento social e da capacidade de influência. Essa característica refletiu-se na definição da amostra, de natureza intencional e não probabilística, construída a partir da técnica *Snowball* (bola de neve). As indicações sucessivas possibilitaram o acesso a lideranças que, muitas vezes, permanecem invisibilizadas, inclusive em função de sua própria percepção individual sobre o papel que exercem.

¹ A PRONESE (Empresa de Desenvolvimento Sustentável do Estado de Sergipe) é uma empresa pública estadual vinculada à Secretaria de Estado da Agricultura, focada em promover o desenvolvimento rural, articular políticas públicas e executar projetos de fomento, especialmente para populações vulneráveis e agricultura familiar.

² Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA) do Governo Federal brasileiro, responsável por políticas para agricultura familiar, reforma agrária e regularização fundiária.

³ Mulheres Sergipanas do Agro é um grupo de Sergipe composto por produtoras, empreendedoras e profissionais (engenheiras agrônomas, médicas veterinárias, zootecnistas etc.). que impulsionam o agronegócio em Sergipe, realizando eventos e programas.

As entrevistas foram realizadas de modo a respeitar a disponibilidade das participantes, sendo agendadas via *WhatsApp* e conduzidas por videoconferência (*Google Meet*), com tempo médio de uma hora. Ao todo, foram realizadas 11 entrevistas; contudo, duas foram descartadas da análise final por pertencerem a organizações que não se caracterizavam como associações rurais, resultando em uma amostra final de nove (9) participantes. Este número justifica-se tanto pela saturação teórica quanto pelo esgotamento da rede de referências no período de execução.

A pesquisa seguiu rigorosamente os preceitos éticos (Resolução nº 466/2012), com aprovação do Comitê de Ética (Parecer nº 85842725.0.0000.0383). Todas as voluntárias assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo-se o sigilo e o anonimato.

Após as entrevistas, iniciou-se o processo de transcrição integral das entrevistas, captando aspectos da fala e contexto, seguido por um mergulho profundo orientado pelo referencial teórico para produzir explicações à problemática proposta. Os dados foram analisados via Análise de Conteúdo (Bardin, 1977), seguindo os critérios: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (inferência e interpretação).

4. Discussão dos Resultados

Os resultados a seguir refletem as trajetórias de liderança de nove mulheres que ocupam posições de liderança no Agreste Central sergipano, evidenciando como a ocupação desses espaços de poder é permeada por tensões entre o tradicional e o novo. Inicialmente, as narrativas tendem a uma neutralização das questões de gênero, focando em desafios técnicos e burocráticos. Contudo, a imersão nas narrativas e a sensibilidade da escuta ativa revelaram que a atuação das líderes é condicionada por estruturas de poder enraizadas no cotidiano.

Para uma análise sistematizada, os dados foram agrupados em dois eixos complementares: os desafios estruturais e subjetivos, que marcam as barreiras da atuação feminina, e as estratégias de resistência, que garantem a permanência e a autonomia dessas líderes nas associações.

4.1 Desafios: Entre a Naturalização do Machismo e a Dupla Jornada

O exercício da liderança no meio rural, historicamente território de domínio masculino, impõe às mulheres uma trajetória marcada por um constante “provar-se”. O labirinto de cristal é um conceito que retrata os obstáculos encontrados pelas mulheres, simplesmente por pertencerem à categoria “mulher” (Lima, 2013). O cristal, apesar de concreto, também é

transparente, fazendo uma analogia com os desafios na liderança feminina rural: apesar de existirem, podem passar despercebidos pelas próprias mulheres.

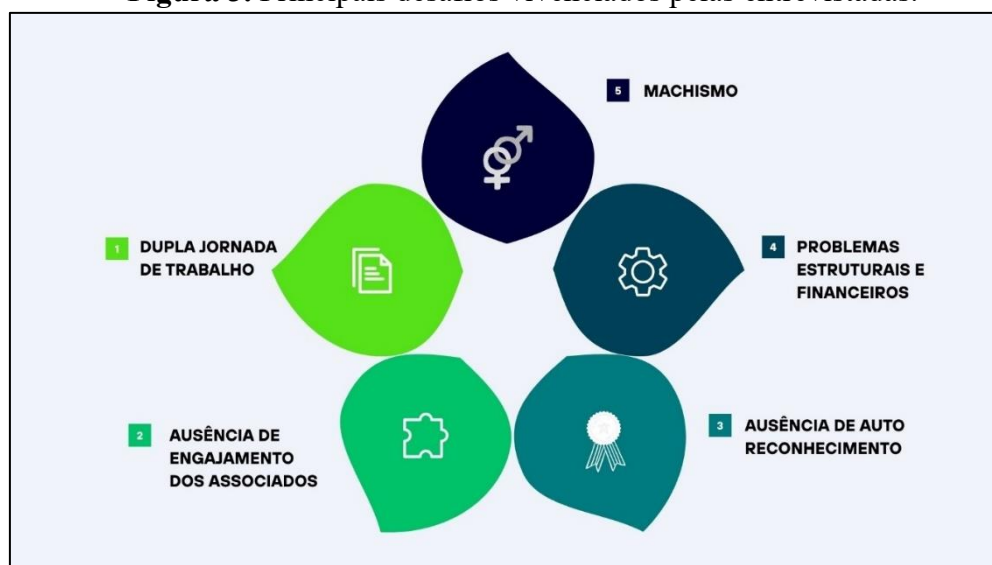
Antes mesmo de lidar com as burocracias ou com a gestão produtiva das associações, a mulher líder precisa confrontar as barreiras invisíveis do preconceito e do silenciamento que tentam confinar sua atuação à esfera privada do lar. Nesse cenário, o desafio não se apresenta como um evento isolado, mas como uma condição estrutural que permeia desde o olhar desconfiado da comunidade até a ausência de suporte técnico e político para suas iniciativas.

É nessa realidade que a percepção de dificuldade se torna predominante, transformando o ato de liderar em um exercício diário de persistência e rompimento de barreiras que a sociedade muitas vezes finge não enxergar. Ao serem questionadas especificamente sobre o período de inserção na posição de liderança, a percepção de dificuldade foi predominante: das nove entrevistadas, sete afirmaram categoricamente ter enfrentado desafios substanciais para assumir o cargo, enquanto apenas duas relataram não ter.

Inicialmente, as entrevistadas tendiam a enfatizar dificuldades de natureza técnica, financeira ou burocrática, tratando os obstáculos estruturais enfrentados pelas associações como elementos neutros ou desprovidos de mediações sociais. As questões relacionadas ao gênero e às práticas de machismo não emergiram de forma espontânea ou explícita nos primeiros relatos, aparecendo de maneira indireta ou sendo silenciadas no discurso inicial das lideranças.

No entanto, ao aprofundar as entrevistas e instigar as falas por meio da escuta ativa, os marcadores de gênero começaram a se manifestar de maneira implícita e velada. Dessa forma, os principais desafios enfrentados pelas mulheres em sua trajetória como líder de associação estão representados na figura abaixo (Figura 3).

Figura 3. Principais desafios vivenciados pelas entrevistadas.



Fonte: Elaboração própria (2026).

As categorias acima expostas se articulam entre as falas, revelando a complexidade das experiências vividas pelas entrevistadas. Quando questionadas diretamente sobre desafios ligados a ser mulher em uma posição de liderança na associação apenas duas entrevistadas afirmaram que sim e sete afirmaram que não.

No entanto, este dado isolado não condiz com a profundidade das falas apresentadas pelas mulheres ao longo das entrevistas, que revelam como o preconceito de gênero ocorre de uma forma naturalizada. A fala abaixo demonstra um exemplo claro dessa percepção:

Não, nunca achei, sabe? Porque eu sempre trabalhei que nem homem. Então, no contexto do trabalho lá, eu nunca achei porque acaba porque eu sou mulher, não. Sempre me destaquei, graças a Deus, como mulher, mãe, mas eu nunca achei dificuldade nisso aí não. E até hoje não acho, entendeu? Porque às vezes eu sou mulher isso aqui não. E eu trabalhei muito no corte da cana, na planta, na cana, que é muito difícil, é na lama, entendeu? (Entrevistada 9).

A afirmação de não ter sentido dificuldades por “sempre trabalhar que nem homem” acaba confirmando a existência do desafio de gênero inicialmente negado. Ao utilizar o padrão masculino como métrica de competência, a entrevistada reforça a associação histórica entre o trabalho produtivo e a masculinidade (Kergoat, 2011), fenômeno acentuado pelo perfil tradicional do campo (Dornela; Menezes, 2017). Esse esforço de reproduzir o comportamento masculino é apresentado como uma prova de mérito pessoal, estratégia que termina por invisibilizar a pressão estrutural sobre a mulher. Assim, o machismo, embora rejeitado no discurso direto, manifesta-se de forma latente e subjetiva, revelando-se nas entrelinhas do cotidiano narrado.

A dupla jornada de trabalho constitui um dos desafios mais recorrentes nas falas das entrevistadas, no qual são relatados a sobreposição entre as responsabilidades domésticas, o trabalho produtivo no meio rural e a atuação política e comunitária nas associações, que é revelado por uma das entrevistadas, quando relata a intensificação do trabalho como um dos motivos para não querer estar no cargo de liderança:

Pesquisadora: Por que você não queria o cargo? Entrevistada: - Porque devido muita correria, aos compromissos, às vezes eu não estou presente e ao mesmo tempo eu quero estar presente, porque eu quero desenvolver aqui (Entrevistada 2).

A participação feminina em cargos de liderança é um ponto positivo para o crescimento pessoal e do grupo como um todo, entretanto, é importante ressaltar que mesmo ocupando cargos de liderança, as mulheres continuam sendo as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e pelo cuidado com a família, sem que essas atribuições sejam redistribuídas de

forma equitativa. Paralelamente, desempenham atividades produtivas, como o manejo de criações, o cultivo agrícola e a participação em cursos, reuniões e conselhos, frequentemente em diferentes municípios e até fora do estado. Como citado na fala de uma das entrevistadas:

Eu faço, eu cuido da casa, cuido das minhas coisas, eu crio galinha, eu crio porco, está entendendo? Aí eu luto e ainda viajo assim através da associação. Aí tem a gente vai para uma reunião, uns cursos, por exemplo, agora aqui saíram cisternas, aí antes dessa cisterna chegar aqui, a gente vai participar das reuniões, conversa como é que vai fazer coisa e tal, tá entendendo? Aí eu faço muito isso, viajo, até para Brasília eu já fui (Entrevistada 4).

Essa multiplicidade de funções gera sentimentos de cansaço, sobrecarga e, em alguns casos, leva à necessidade de reduzir ou interromper a participação associativa. Algumas entrevistadas relatam que recusaram cargos ou se afastaram temporariamente da associação devido à dificuldade de conciliar todas as demandas, especialmente quando associadas a outras etapas da vida, como o ingresso no ensino superior.

Outro desafio recorrente refere-se à baixa participação e ao reduzido engajamento dos associados, fator que impõe às lideranças femininas um exaustivo trabalho de mobilização e convencimento. A dificuldade de atrair os sócios para capacitações exige das mulheres um papel ativo de mediação e insistência pessoal, como ilustra o relato da Entrevistada 3:

Isso desestimula um pouco, mas às vezes, às vezes dá vontade de correr atrás e mostrar. Mostrar para eles que podem, eles podem. Tipo agora para ter um curso de criação de galinha caipira. Eu fui na casa de cada sócio, é... Aí vai ter o curso, vamos participar, e eles, vocês querem me ensinar a criar galinha? **Eu, com 60 e poucos anos, vocês querem me ensinar a criar galinha agora? Sempre criei, agora preciso fazer curso para poder criar.** Ah, eu fui tentar conversar, não é assim, tem novas técnicas. É agroecológico. Não, não quero saber não (Entrevistada 3).

Nesse contexto, algumas entrevistadas relatam estratégias como visitas domiciliares e insistência pessoal para garantir a adesão mínima às atividades, o que reforça a sobrecarga já existente em suas rotinas. A ausência de engajamento aparece, portanto, como um fator que compromete o desenvolvimento das associações e impacta diretamente o exercício da liderança feminina, gerando desgaste emocional e sensação de isolamento.

Mota, Santos e Alves (2025) trazem o perfil democrático como uma característica associada a liderança feminina. O relato abaixo apresenta traços como subjetividade e criatividade são valorizados no discurso organizacional por promoverem a coesão da equipe, porém, mulheres que adotam esse perfil ainda enfrentam fortes estereótipos de gênero.

Eu hoje eu sou realizada, né? Através daquela... de ver o olhar de cada uma daquelas pessoas, buscando entendimento e trazer conhecimento para associação. Aonde hoje

é a associação, eu peguei ela zero, hoje a associação da gente, estamos com um trator nas mãos, trabalha com todos os pequenos agricultores, não só da associação, como abrange as outras comunidades em geral. Eu me sinto realizada por esse trabalho que eu fui fazendo. **Assim, eu não me destaco como uma presidente daquela comunidade, eu me destaco como uma líder comunitária**, que é o trabalho que a gente tem que ser feito. É dessa forma, ajudando um ao outro (Entrevistada 1).

Na fala da Entrevistada 1 ela se define como “líder comunitária” em vez de apenas “presidenta”, reforçando a dimensão política e social do papel representado, pautada na solidariedade e no auxílio mútuo. Com isso, sinaliza que sua autoridade não vem de uma hierarquia rígida ou de um título burocrático, mas sim da sua capacidade de mobilização e do serviço prestado à comunidade.

Entretanto, é preciso evidenciar o peso dessa estratégia: para ser aceita e respeitada, a mulher se vê compelida a adotar um estilo de liderança permanentemente pautado no apoio e na participação, o que Robbins (2005) classifica como comportamentos apoiadores e participativos. Embora eficaz para a coesão do grupo, essa necessidade de “suavizar” a autoridade para evitar conflitos é, em si, um reflexo do desafio estrutural de gênero. A líder precisa realizar um esforço contínuo de negociação de sua imagem para que sua autoridade não seja lida como 'autoritarismo', um desgaste emocional e político que raramente é exigido de líderes homens na mesma posição.

Na prática cotidiana das mulheres rurais, o exercício da autoridade diretiva é frequentemente recebido com resistência, como mostra na fala abaixo:

Eu gosto de cobrar, eu gosto do certo, eu sou, eu sou enjoada, na verdade. Sou taxada como uma chata, como uma enjoada, mas é porque eu gosto que as coisas funcionem e que as coisas sejam feitas corretamente (Entrevistada 6).

Aqui reside uma barreira de gênero implícita: o que em um homem seria visto como algo positivo, “pulso firme”, na mulher é lido como uma característica de personalidade incômoda. Existe uma expectativa social de que a mulher líder mantenha sempre uma postura dócil e puramente assistencialista. A crítica às normas autoritárias deve partir de uma desconstrução do próprio conceito de autoridade, que é associado ao masculinizado (Scott, 1995).

Quando a mulher rompe com esse estereótipo para exercer uma gestão eficiente, baseada em regras e cobranças de resultados, ela enfrenta o estigma da “chatices”. Além disso, existe o relato de cobrança excessiva com elas mesmas: *“Eu cobro não só dos outros, eu cobro de mim*

mesma. Todos os dias eu me cobro realmente querer me doar mais (Entrevistada 6)”. Isso também pode estar relacionado a pressão por ser mulher, gerando autocobrança excessiva, causando frustração e sensação de incapacidade, desmerecimento (Rigo; Breitenbach; Brandão, 2025).

Além disso, a transição para a liderança exige, como desafio, não apenas a ocupação física dos espaços, mas a adoção de estratégias simbólicas para que essa autoridade seja legitimada por terceiros, como aponta a fala abaixo:

A “homarada” quer passar por cima também, né? E aí a gente tem que ser, um pouco meio... Eu digo a eles o seguinte, é quando eu vou conversar com meus produtores, eu sempre uso calça, bota e camisa polo, para que eles vejam que ali eu estou igual a eles, então **eles não podem me ver como mulher**, mulher, depois que passa a coisa aí está certa, é shortinho e tal. Mas a questão quando eu vou conversar com eles no setor, eu vou bem composta, então **eu me coloco como se eu fosse ele** e que eles se colocassem no meu lugar, **porque tem uns que se você não tiver jeito, vem para tirar a gracinha quer ameaçar, entendeu?** Então é de vez em quando, **tem que dar uma de homem para poder organizar**, mas é complicado. Ser mulher, o meu grupo é quase todo de mulher, tem bem poucos homens, a maioria é mulher (Entrevistada 3).

Nota-se que a masculinização da imagem e do comportamento é adotada como uma estratégia pela mulher para ganhar legitimidade frente ao público masculino. Entretanto, a masculinização sugere não apenas alterações no comportamento e na conduta das mulheres, mas na sua aparência: julga-se a quão feminina é uma mulher também pela exterioridade do seu corpo (Goellner, 1999, p. 42). Mesmo em um ambiente onde a maioria do grupo é composto por mulheres, a líder ainda tem essa necessidade para garantir aceitação e evitar “ameaças” ou “gracinhas”.

Entretanto, a adoção de uma estética e de comportamentos masculinizados revela-se como uma dualidade na liderança feminina no campo: configura-se, simultaneamente, como uma estratégia de legitimação e um desafio estrutural, visto que a naturalização da figura masculina como detentora da capacidade organizativa acaba reforçando estereótipos de gênero.

Nesse sentido, exige-se das mulheres um comportamento “masculino” para que possam alcançar o mínimo de respeito profissional e pessoal e se perpetuam falas e atitudes que reforçam a todo tempo o rural como sendo um espaço a ser ocupado por homens (Paulilo, 2004), como trazido na fala da entrevistada: *“É como se o homem fosse mais capaz de desenvolver*

aquela atividade, principalmente na área rural, como se a mulher fosse frágil, não conseguisse desenvolver aquela atividade (Entrevistada 2)."

Historicamente a mulher é considerada "sexo frágil", colocando-a em uma posição culturalmente inferior, contribuindo para a construção limitadora da imagem de posição da mulher na sociedade, em que sua força é negligenciada (Pereira; Favaro, 2017). Essa é uma das formas como o machismo opera de forma estrutural, percebido também fora do ambiente associativo/trabalho das mulheres, dentro de suas casas, algumas associadas deixam de comparecer em eventos por conta de atribuições domésticas, "cuidado" com os filhos/marido.

Não, não posso porque é dona de casa e bam bam bam e o marido não deixa. (...) não dá, porque vai passar 2 dias, 3 dias fora. Quer dizer, tem casa, tem filho, né? Tem marido, aí tem essa dificuldadezinha, mas se não fosse isso, eu acho que até elas iam, sabe? (...) Até que entendo isso do lado delas, porque às vezes eu passo por isso, né? cara, fica, Ah, só quer ta no mundo. So quer estar fazendo isso, caminhando... Eu entendo até elas, porque elas dizem assim, Ah, pois eu não posso ir, por esse motivo, isso, aquilo, eu até entendo (Entrevistada 4).

Esse depoimento apresenta novamente a dupla/tripla jornada de trabalho como um dos obstáculos mais persistentes à participação feminina. A fala evidencia que o deslocamento da mulher para eventos ou capacitações fora da propriedade é visto pelo companheiro como uma negligência aos deveres do lar ou como uma busca indevida por liberdade, retratado por ela como "estar no mundo".

Nota-se que a líder é empática com essa dor por também vivenciá-la, o que demonstra que nem mesmo a posição de autoridade na associação está isenta das pressões domésticas. O termo "marido não deixa" sintetiza a persistência de um modelo de família patriarcal onde a presença feminina é condicionada à autorização masculina. Assim, a falta de engajamento dos associados, citada anteriormente como um desafio, ganha aqui um recorte de gênero: para as mulheres, o "desânimo" muitas vezes não é uma escolha, mas uma imposição do trabalho de cuidado doméstico.

Outra característica marcante trazida é a crença de uma essência feminina pautada pela sensibilidade e pelo acolhimento, como afirma a Entrevistada 6:

É porque eu acho que a mulher é mais coração, ela tem um lado mais humano, de olhar o lado do outro, querer trazer outras mulheres pra perto, pra trabalhar do lado, orientando. Então eu acho que esse olhar mais de mãe, de mulher, faz a diferença (Entrevistada 6).

A compreensão da liderança como uma extensão do cuidado maternal não é apenas uma construção simbólica, mas possui raízes nas condições concretas de vida dessas mulheres. Ao

serem questionadas sobre a influência da maternidade no exercício de suas funções na associação, os dados revelam que entre as sete que possuem filhos, quatro não percebem uma influência direta e três afirmam que a maternidade impacta sua atuação.

Entre as entrevistadas com mais idade, a percepção predominante é de que a maternidade já não constitui uma influência direta, pois os filhos atingiram a vida adulta e a independência. Contudo, o cuidado com os netos aparece como uma nova demanda.

4.2 Estratégias: Autoconfiança e a Construção de Redes de Apoio Feminino

Conforme discutido anteriormente, as narrativas sobre os desafios enfrentados pelas líderes encontram-se intrinsecamente ligadas às suas estratégias de atuação. Em diversos momentos, os relatos revelam que o que é percebido como um obstáculo constitui, simultaneamente, o fundamento de uma tática de resistência.

A análise evidencia que a fronteira entre o desafio e a estratégia é tênue e, acima de tudo, subjetiva, uma vez que as lideranças não apenas vivenciam as pressões de gênero, mas as interpretam e as convertem em ferramentas de gestão. Nesse cenário, ao serem questionadas diretamente sobre a adoção de estratégias para o exercício do cargo, seis entrevistadas confirmaram sua existência, enquanto três afirmaram não as possuir (Quadro 1).

Quadro 1. Estratégias desenvolvidas pelas líderes da associação.

Entrevista	Possui estratégias	Qual?
Entrevistada 1	Sim	Autoconfiança, rodas de conversa
Entrevistada 2	Sim	Se afastar
Entrevistada 3	Sim	Analisar e estudar mais com calma
Entrevistada 4	Não	
Entrevistada 5	Não	
Entrevistada 6	Sim	Conversa, discute e busca melhorias
Entrevistada 7	Sim	Correr atrás
Entrevistada 8	Não	
Entrevistada 9	Sim	Divulgação, parceria

Fonte: Elaboração própria (2026).

A construção da autoconfiança nas lideranças femininas rurais não emerge como um fenômeno isolado, mas como um resultado direto de estratégias coletivas de formação. Ao serem questionadas sobre como lidariam com os desafios da expressão pública, as entrevistadas destacaram as rodas de conversa como um espaço fundamental de mobilização.

Essa parte assim, de saber como é que eu ia lidar, eu mesmo, eu mesmo me perguntava a mim mesma. Será como é que eu vou lidar com as coisas, como é que eu vou chegar

muitos lugares e me expressar. Mas para isso a gente temos, temos a conversa de rodas de mulheres para poder você saber a se expressar. (Entrevistada 1).

Busco o apoio com as rodas de conversas, né? E se reunimos todas para poder discutir o que... O que tem de ser feito naquela comunidade (Entrevistada 1).

A roda de conversa também é utilizada em pesquisas com mulheres, método escolhido por incentivar uma comunicação espontânea e horizontalizada, com opiniões e relatos da comunidade (Reis e Gonçalves, 2024). Os resultados desse tipo de intervenção revelam situações vivenciadas pelas mulheres que muitas vezes o grupo não tem conhecimento, fatores que podem impedir as mulheres de comparecerem em reuniões, como relatado por uma das líderes:

Inclusive, num tempo desse sempre tem também o pessoal da ação social vem em pedra mole, veio ali na reunião. E eu com as idosas com o grupo que tem e eu acabei indo lá. É bem eu nunca tinha ido e fui. **Inclusive, conseguiu saber que tinha uma que estava com ansiedade.** Ela contou um pouco da vida, ainda chorou um pouco e é minha amiga. Ela falou, morava na outra rua. Eu conversei com ela, depois eu disse a ela que eu que ela também podia me procurar. Mas que ela procurasse ajuda médica, que aquilo ali não é normal. Ela se trancou dentro de casa e não quer sair, entendeu? Então assim, é um monte de coisinhas que você tem que bater. Eu vejo que é difícil. Mas nada impossível (Entrevistada 5).

O relato da Entrevistada 5 evidencia uma dimensão mais profunda e sensível dessa estratégia: a identificação de sofrimentos psicossociais, como a ansiedade e o isolamento, que muitas vezes impedem a mulher rural de participar da vida comunitária. Ao relatar o caso de uma associada, a líder demonstra que seu papel envolve também a escuta e o encaminhamento para redes de saúde, combatendo a invisibilidade das questões de saúde mental no campo.

Neto e Dimenstein (2017) relatam que as populações rurais sofrem historicamente efeitos do modelo socioeconômico pautado no latifúndio e exploração do trabalhado, assim, impactando negativamente na saúde mental. Dessa forma, a atenção primária entre trabalhadores e moradores do campo, a partir da articulação de saberes e tecnologias funciona como estratégia para superação dessas barreiras.

A importância da rede de apoio, seja ela familiar ou coletiva dentro da própria organização, revela-se como o fator determinante para a continuidade da liderança feminina. Esse suporte é um ponto essencial para continuidade da gestão. Essa estratégia manifesta-se de diversas formas: no incentivo ao engajamento das outras mulheres; no estímulo ao trabalho coletivo, buscando reverter o desinteresse de alguns membros; e na busca por incentivos externos, através de parcerias. Como relatado pela Entrevistada 1: “*Nós buscando os nossos*

entendimentos. Mulher não é feita para estar atrás do fogão, mulher não foi feita para estar numa cozinha não, temos que estar onde a gente quiser estar.”

Nesse sentido, a estratégia não se fundamenta na negação das atividades domésticas, mas na ampliação das possibilidades de atuação feminina, reconhecendo que a mulher pode transitar entre diferentes esferas sem que uma invalide a outra. O discurso mobilizado pelas lideranças atua, assim, como um instrumento de conscientização e encorajamento, ao afirmar que as mulheres têm capacidade e legitimidade para liderar associações e participar ativamente dos processos decisórios. Outra forma mencionada por elas para auxiliar nesse incentivo são as redes sociais:

Eu ligo, eu vou visitar, eu converso, eu mando mensagem no WhatsApp. Sempre que eu passo, que tem um projeto, olha, vai ter um projeto aqui. Eu vou, ligo, vou na casa delas, converso com elas, vou na feira, vou na igreja, onde eu encontro, sempre estou falando dos projetos, das buscas e isso faz com que elas se aproximem também (Entrevistada 6).

Hoje tem reunião, eu coloco lá no grupo. Criei um grupo, viu? Grupo de WhatsApp, hein? Coloco lá, tudo que se passa eu coloco lá no WhatsApp. Hoje tem reunião. Elas poderiam muito bem convidar um ou outro para poder participar (Entrevistada 1).

Além disso, o apoio também foi percebido para solucionar os desafios da maternidade em relação a dupla jornada de trabalho com a associação, conforme relatado pela líder na fala a seguir:

Tem uma das meninas que na época tava grávida, mas a gente fez o que pôde pra ajudar ela, pra poder ela tá ali com a gente. A gente fez e depois que a menina dela nasceu a gente deu todo o apoio. Tivemos uma reunião, a gente teve uma reunião outro dia e ela levou a menininha, ela sempre ali, tanto que é nosso mascotezinho. Tanto tá ela, a menina, “mais a gente”, todos nós, era mãe da menina na época, né? Todos falavam dela e não era um obstáculo, um pretexto, porque ela tinha a menininha, não podia não, a gente dá o maior apoio. Tinha outra menina também que na época ela não engravidou, mas depois ela engravidou, mas já era transformado na época que a gente estava todo trabalhando e sempre teve um jeito, se hoje acontecer será do mesmo jeito (Entrevistada 9).

Assim, evidenciando a construção de um ambiente associativo acolhedor, onde a maternidade é incorporada à dinâmica das atividades coletivas, rompendo com a lógica que historicamente associa o cuidado com os filhos à exclusão das mulheres dos espaços públicos.

Além do incentivo à participação feminina nos espaços associativos, observou-se, nas falas das entrevistadas, o estímulo à adoção de práticas agrícolas de base orgânica como estratégia de fortalecimento das associações. À medida que as lideranças femininas buscam alternativas de produção mais sustentáveis e socialmente justas, passam a enfrentar não apenas

desafios de ordem técnica e produtiva, mas também a questionar modelos hegemônicos de agricultura e suas implicações socioeconômicas e ambientais.

Conforme apontam Backes, Giongo e Cúnico (2023), essas iniciativas tensionam as lógicas dominantes do sistema agroalimentar, ao propor formas de produção orientadas pela sustentabilidade, pela autonomia e pela valorização dos saberes locais.

Incentivando, lá na faculdade que eu estudo, só tem só na minha turma só sou eu de mulher e mais 2. Ai tem uma, que ela faz parte do assentamento. Ai tem vezes ela está cabisbaixa Ai, porque lá na minha comunidade, com o assentamento, o pessoal só quer trabalhar com veneno. Acho isso uma besteira. Isso e aquilo. Ai, você tem capacidade, eles têm capacidade de desenvolver também (Entrevistada 2).

Isso. É melhor, saudável. Eu sempre gostei, eu nunca gostei de produzir com veneno. Sempre fui contra. Meu pai usava, sempre fui contra. Antigamente ele era assim. Ele plantava tomate, pimentão e ele usava os 2. Ele usava tanto o veneno, como o adubo orgânico. Ah, eu fui, e falei bem assim: por que não usar só um? (Entrevistada 2).

As falas das entrevistadas evidenciam que o incentivo à adoção de práticas orgânicas é construído, também, por meio do encorajamento mútuo entre mulheres, especialmente em espaços formativos e comunitários. O relato de uma liderança que vivencia um ambiente acadêmico majoritariamente masculino revela não apenas a sub-representação feminina nesses espaços, mas também a circulação de discursos críticos ao modelo convencional de produção agrícola baseado no uso intensivo de insumos químicos. Pacheco (2009) anuncia o fortalecimento do diálogo entre o movimento agroecológico e o movimento feminista.

Destaca-se também os quintais produtivos como uma ferramenta fundamental de resistência e permanência das mulheres nos espaços associativos. Os quintais produtivos se caracterizam como produções urbanas e rurais realizadas ao redor das residências para consumo próprio ou comercialização (Santos et al., 2013). Diferente de uma produção comercial de larga escala, o quintal representa um espaço de domínio feminino onde a sustentabilidade alimentar se une à geração de renda própria.

Como a gente somos mulheres às vezes, tem um marido, o marido é o chefe, tudo que faz ele, a mulher fica pra trás. Não. Agora não, o grupo incentiva a mulher trabalhar, a mulher ter a sua renda. Tudo que a mulher produz, se ela quiser vender, o que ela quiser ela pode fazer. Sim. **Inclusive agora lá no assentamento, a gente faz uns quintais produtivo**, aí já tem duas pessoas lá que tá plantando na horta, a horta orgânica (...) nós temos uma dificuldade grande, a água, nós não temos água, agora no inverno nós temos tudo tá tanque cheio e sistema cheio mas no verão nós temos muita dificuldade, mas graças a Deus a gente tá dando aí ajuda muito o grupo ajuda demais, o primeiro foi das mulheres do agro eu entrei nas mulheres do Agro, aí teve uma reunião em Aracaju. Foi do grupo da Asa, não sei se você sabe, a Asa foi comunicada a construir a cisterna (Entrevistada 7).

Como destaca a Entrevistada 7, o incentivo para que a mulher tenha sua própria horta e sua renda é o que permite romper com a figura do marido como único “chefe” e provedor da casa. A figura do marido como “chefe”, revela uma configuração tradicional de poder, na qual o trabalho feminino tende a ser subordinado ou invisibilizado (Brumer; Anjos, 2012). Contudo, essa realidade passa a ser modificada a partir da participação em grupos que incentivam a autonomia produtiva e financeira das mulheres, sem deixar que o trabalho reprodutivo seja valorizado.

Essa autonomia produtiva é, portanto, uma estratégia de gênero: ao garantir que a mulher decida sobre o destino de sua produção (autoconsumo e/ou venda) e tenha seus próprios rendimentos, o quintal produtivo diminui as tensões domésticas que muitas vezes inviabilizam a participação política feminina. Em um cenário onde a falta de apoio é um dos principais motivos de desistência, os quintais produtivos representam um fortalecimento.

Ao converterem espaços de cuidado e produção, como os quintais e as rodas de conversa, em territórios de fortalecimento político e autoconfiança, essas líderes redefinem as estruturas de poder locais. Nesse sentido, a manutenção desses espaços não é apenas uma questão agrária, pois permite que a mulher se reconheça como sujeita produtiva, capaz de gerir não apenas o seu quintal, mas também a sua associação. Portanto, a liderança feminina rural não se resume à gestão burocrática de associações; ela representa uma agência transformadora que, ao enfrentar as assimetrias de gênero, assegura a sustentabilidade social e produtiva de suas comunidades.

5. Considerações finais

A análise das lideranças femininas no Agreste Central de Sergipe revela que, embora as barreiras burocráticas e financeiras sejam as mais citadas diretamente, o machismo estrutural constitui o entrave central da atuação feminina. Ainda que não seja nomeado de forma explícita pelas entrevistadas, esse fenômeno torna-se perceptível ao longo dos relatos, manifestando-se na naturalização da sobrecarga doméstica, no controle conjugal sobre a participação associativa e na constante necessidade de legitimação em espaços de poder historicamente masculinizados.

Contudo, os resultados demonstram que as mulheres líderes rurais não são sujeitas passivas, elas articulam táticas de resistência potentes, como o uso estratégico de tecnologias de comunicação, a promoção de redes de empatia e a integração da maternidade à dinâmica coletiva. Ao ressignificarem a associação como um espaço de acolhimento e inovação sustentável, essas líderes garantem não apenas a viabilidade econômica das famílias, mas a soberania alimentar e a coesão social da agricultura familiar.

Apesar das limitações de recorte amostral e territorial, este estudo pavimenta caminhos para investigações futuras que contemplem interseccionalidades de raça e etnia, bem como o papel das tecnologias na carga mental feminina e os processos de sucessão rural sob a ótica das novas gerações. Em suma, fortalecer o protagonismo dessas mulheres é condição indispensável para a equidade de gênero e para o vigor do associativismo no campo brasileiro.

Referências

- ALVES, Ana Elizabeth Santos. Divisão sexual do trabalho: a separação da produção do espaço reprodutivo da família. **Trabalho, educação e saúde**, v. 11, p. 271-289, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/8nTGWjJrv7MsqfCmLvZhvvL/>. Acesso em: 14 jan. 2025.
- ALVES, Nicole Fossil. **Ressignificação dos papéis sociais de mulheres na agricultura familiar de base agroecológica**. 2016. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. 138 f.
- AQUINO, Estela; VIEGAS, Luisa Maria Diele; PILECCO, Flávia Bulegon; REIS, Ana Paula; MENEZES, Greice Maria de Souza. Mulheres das ciências médicas e da saúde e publicações brasileiras sobre Covid-19. **Saúde em Debate**, v. 45, p. 60-72, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/fGKtgFzXzhrVwG7BbXXDhXL/?lang=pt>. Acesso em: 31 jan. 2025.
- BACKES, Raquel Meyer Fagundes; GIONGO, Carmem Regina; CÚNICO, Sabrina Daiana. “Somos a Terra Lutando para Sobreviver”: Histórias de Vida de Mulheres Agroecologistas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, p. e263959, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/vxzfbGcpVKV57RXdd57pDPD/>. Acesso em: 01 fev. 2025.
- BALBO, Susana. Es hora de visibilizar a las mujeres rurales. In: OTERO, Manuel (ed.). *Luchadoras: mujeres rurales en el mundo*. San José, C.R: IICA, 2019, p. 15 – 20.
- Bardin L. L'Analyse de contenu. Editora: Presses Universitaires de France, 1977.
- BOURDIEU, Pierre. ESTRATÉGIAS DE REPRODUÇÃO E MODOS DE DOMINAÇÃO. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 17, n. 33, p. 21–36, 24 Jan 2020 Disponível em: <https://periodicoselétronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/13298>. Acesso em: 31 jan 2025.
- BRUMER, Anita; ANJOS, Gabriele dos. GÊNERO E REPRODUÇÃO SOCIAL NA AGRICULTURA FAMILIAR. **REVISTA NERA**, [S. l.], n. 12, p. 6–17, 2012. DOI: 10.47946/rnera.v0i12.1396. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1396>. Acesso em: 18 mai. 2024.
- CABRAL, Patricia Martins Fagundes; LOPES, Heloisa Helena; LONDERO, Paola Richter. EDITORIAL - Liderança Feminina no Cooperativismo: desafios e perspectivas. **BASE - Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**. Vol. 21 No. 1 (2024): Jan/Mar. DOI: <https://doi.org/10.4013/base.2024.201.08>. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/base/article/view/27545>. Acesso em: 31 jan. 2025.
- CAMPOS, Juliana Loureiro Almeida; FERREIRA, Madalena Izabel Sousa. PESQUISADORA, ETNOBIÓLOGA, LÍDER COMUNITÁRIA, GERAIZEIRA: REFLEXÕES SOBRE AS DIFICULDADES ENCONTRADAS POR DUAS MULHERES EM SUAS ATUAÇÕES EM CAMPO. **Ethnoscintia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology**, v. 6, n. 2, p. 89-99, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ethnoscintia/article/view/10366>. Acesso em: 31 jan. 2025
- CARNEIRO, Ranna Botelho; VILLWOCK, Ana Paula Schervinski; MATTE, Alessandra. Inserção e atuação profissional das engenheiras agrônomas: desafios e estratégias. **Mundo Agrario**, [S. l.], v. 23, n. 53, p. e194, 2022. DOI: 10.24215/15155994e194. Disponível em: <https://www.mundoagrario.unlp.edu.ar/article/view/mae194>. Acesso em: 5 fev. 2025.
- CHRISTOFFOLI, Pedro Ivan. Elementos introdutórios para uma história do cooperativismo e associativismo rurais no Brasil. **Questão agrária, cooperação e agroecologia**, v. 1, p. 169-88, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/281842243>. Acesso em: 01 fev. 2025.

DANIEL, Camila. O trabalho e a questão de gênero: a participação de mulheres na dinâmica do trabalho. **O social em questão**, n. 25/26, p. 323-344, 2011.

DORNELA, Fernanda J.; MENEZES, Raquel S. S. Mulheres na Cafeicultura do Cerrado Mineiro: desafios e possibilidades. In: ARZABE, Cristina. et al. **Mulheres dos cafés no Brasil**. Brasília: Embrapa, 2017. p 93-113. Disponível em: http://www.sapc.embrapa.br/arquivos/consorcio/publicacoes_tecnicas/mulheres-dos-cafes-no-brasil-convertido-vf.pdf. Acesso em: 24 Jul. 2024.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal.(1995). Vigiar e punir: história da violência nas prisões. 1978.

GOELLNER, Silvana. V. Imperativos do Ser Mulher. São Paulo: Revista Motriz, v. 5. n.1, p. 40-42, junho de 1999.

GROSSI, Patricia Krieger; CLOS, Michelle Bertolio; DUARTE, Joana das Flores; COUTINHO, Ana Rita Costa; GASPAROTTO, Geovana Prante. O Enfrentamento da Violência contra a Mulher Rural: Desafios para as Políticas Públicas. **VII Jornada Internacional de Políticas Públicas-Para Além da Crise Global: experiências e antecipações concretas**, 2015, Brasil., 2015.

KERGOAT, Prisca. Ofício. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Franloise (org). Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Unesp, 2011.

LIMA, Betina Stefanello. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 03, p. 883-903, 2013.

MAIA, Zildenice Matias Guedes; SIQUEIRA, Elisabete Stradiotto. 11925-O papel das mulheres na reconstrução do conceito de ruralidade: uma experiência de trabalho feminino da Associação de Mulheres Pescadoras e Artesãs do Município de Grossos-RN. **Cadernos de Agroecologia [Volumes 1 (2006) a 12 (2017)]**, v. 6, n. 2, 2011. Disponível em: <https://revista.aba-agroecologia.org.br/cad/article/view/11925>. Acesso em: 11 jan. 2025.

METZ, Eduardo Silva. Gestão feminina: a presença das mulheres na liderança de empresas. **Ágora : revista de divulgação científica**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 169–178, 2015. DOI: 10.24302/agora.v19i2.667. Disponível em: <https://www.periodicos.unc.br/index.php/agora/article/view/667>. Acesso em: 31 jan. 2025.

MOTA, SOFIA MENESES; SANTOS, Maria Eduarda Lisboa; ALVES, EMILLY KAROLINE DOS SANTOS. LIDERANÇA FEMININA: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE DOCENTES DAS CIÊNCIA AGRÁRIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE.. In: Anais do 63º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER). Anais...Passo Fundo(RS) UPF, 2025. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/sober2025/1100931-LIDERANCA-FEMININA--DESAFIOS-E-ESTRATEGIAS-DE-DOCENTES-DAS-CIENCIA-AGRARIA-NA-UNIVERSIDADE-FEDERAL-DE-SERGIPE>. Acesso em: 05/02/2026.

NETO, Manoel Bastos Gomes; SILVEIRA, Emmanuele Araújo da; FERREIRA, Tiago Henrique; TEODÓSIO, Armindo dos Santos de Sousa; GRANGEIRO, Rebeca da Rocha. Os Desafios de Gênero no Exercício da Liderança Feminina em Empreendimentos na Economia Solidária. **Revista Gestão & Conexões**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 5–27, 2024. DOI: 10.47456/regec.2317-5087.2024.13.1.40830.5-27. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/ppgadm/article/view/40830>. Acesso em: 31 jan. 2025.

NETO, Maurício Cirilo; DIMENSTEIN, Magda. Mental Health in Rural Settings: Analyzing the Psychosocial Work. **Psicologia: Ciencia e Profissao**, v. 37, n. 2, p. 461, 2017.

PACHECO, Maria Emília Lisboa. Os caminhos das mudanças na construção da Agroecologia pelas mulheres. **Revista Agriculturas**, v. 6, n. 4, p. 4-8, 2009.

PAULILO, Maria Ignez S.. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis , v. 12, n. 01, p. 229-252, abr. 2004 . Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 nov. 2025.

PEREIRA, Ana Cristina F.; FAVARO, Neide A. L. G. História da mulher no ensino superior e suas condições atuais de acesso e permanência. In: **IV Seminário Internacional de Representações sociais, Subjetividade e Educação**, 2017.

REIS, Tatiana Nazaré Amaral Ferreira; GONÇALVES, Marcela Vecchione. MULHERES E COMUNICAÇÃO CONTRA-HEGEMÔNICA: A EXPERIÊNCIA DO TERRITÓRIO AGROEXTRATIVISTA PIROCABA (PA). **Movendo Ideias**, v. 29, n. 2, 2024. Disponível em: <https://revistas.unama.br/index.php/Movendo-Ideias/article/view/3445>. Acesso em: 23 jan. 2026.

RIGO, Vitória; BREITENBACH, Raquel; BRANDÃO, Janaína Balk. Pode ser mulher? Desafios no mercado de trabalho do agronegócio. **Mundo Agrário**, v. 26, n. 61, 2025. Disponível em: https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.19081/pr.19081.pdf. Acesso em: 19 jan. 2026.

ROBBINS, S. P. **Comportamento Organizacional**, 11^a ed. São Paulo: Pearson Precentice Hall, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2015.

SANTANA, Angra de Souza; SILVA, José Kennedy Lopes; PESSOA, Emerson Roberto de Araújo. Lugar de mulher é onde ela quiser: a atuação das dirigentes das associações rurais em Chupinguaia e Vilhena, Rondônia. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**—v. 7, n. 2, p. 272-310, 2020. Disponível em: <https://rbeo.emnuvens.com.br/rbeo/article/view/248>. Acesso em: 01 jan. 2025.

SANTOS, Amaury da S. dos et al. Caracterização e desenvolvimento de quintais produtivos agroecológicos na comunidade Mem de Sá, Itaporanga d'Ajuda-Sergipe. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 8, n. 2, p. 100-111, 2013.

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade**. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99, 1995.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar**. 2009. 291 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/5591>. Acesso em: 24 ago. 2024.

YANNOULAS, Silvia Cristina. Dossiê: políticas públicas e relações de gênero no mercado de trabalho. **Centro Feminista de Estudos e Assessoria**; Fundo para Igualdade de Gênero/Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional, 2002.